

ASPECTOS DIACRÔNICOS DA ESTRUTURA ARGUMENTAL DE SENTENÇAS COM “TRATA-SE DE”

ASPECTOS DIACRÔNICOS DE LA ESTRUCTURA ARGUMENTAL DE SENTENCIAS CON
“TRATA-SE DE”

DIACHRONIC ASPECTS OF THE ARGUMENT STRUCTURE OF SENTENCES
WITH “TRATA-SE DE”

Marcel Caldeira*

Universidade Estadual de Campinas

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa diacrônica, baseada em *corpus*, sobre os diferentes usos de *trata-se de* no português, com o fim de investigar as mudanças em sua estrutura argumental. A partir de uma análise dos dados que se orienta teoricamente pela Abordagem Multissistêmica da Língua (CASTILHO, 2010), a pesquisa sustenta a hipótese de que a especialização dos usos não plenos do verbo *tratar* nessa estrutura (usos apresentacionais impessoais e identificacionais com argumento externo) está associada ao escamoteamento de funções temáticas produzido pelo clítico *se* nos diferentes tipos de sentença ao longo da história do português, fenômeno conhecido como detematização. Os dados analisados provêm do Corpus do Português e foram localizados por meio de seu sistema de busca.

PALAVRAS-CHAVE: *Tratar-se de*. *Trata-se de*. Detematização. Verbos apresentacionais. Verbos identificacionais.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de una investigación diacrónica, basada en *corpus*, acerca de los diferentes usos de la estructura ‘*trata-se de*’ en el portugués con el fin de examinar las mudanzas en su estructura argumental. A través de un análisis teóricamente basado en el Abordaje Multisistémico de la Lengua, la investigación apoya la hipótesis de que la especialización de los usos no plenos del verbo *tratar* en esta estructura (usos presentativos impersonales e identificativos con argumento externo) está asociada a la desaparición de funciones temáticas producida por el clítico ‘*se*’ en los diferentes tipos de sentencia a lo largo de la historia del portugués, un fenómeno conocido como detematización. Los datos analizados provienen del Corpus del Portugués y han sido localizados por medio de su buscador.

PALABRAS CLAVE: *Tratar-se de*. *Trata-se de*. Detematización. Verbos presentativos. Verbos identificativos.

* Doutorando e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas. Bolsista CAPES. Contato: marcelcaldeira@gmail.com.

ABSTRACT: This paper reports on the results of a diachronic corpus-based research into the different usages of *trata-se de* in Portuguese, focusing on changes in its argument structure. Through a data analysis based on the Multisystemic Approach to Language, the research supports the hypothesis that the specialization of usages of the non-full verb *tratar* in this structure (impersonal presentational sentences and identificational sentences with external argument) is associated with the concealment of thematic functions produced by the clitic *se* in several types of sentences throughout the history of Portuguese, a phenomenon known as dethematization. The data used in the research was obtained from the Corpus of Portuguese and was located with its search engine.

KEYWORDS: *Tratar-se de*. *Trata-se de*. Dethematization. Presentational verbs. Identificational verbs.

1 INTRODUÇÃO

O verbo *tratar* tem, há séculos, apresentado certa diversidade de acepções aparentadas e, em grande parte delas, ele atua como um verbo predicador típico, que projeta, com frequência, tanto argumento externo quanto argumento interno, sendo este preposicionado ou não – *x trata (de) y*.

O verbo predicador tem sua origem no verbo latino *tractare*, um verbo transitivo, apontado por alguns autores como frequentativo de *trahere* (NASCENTES, 1932; SARAIVA, 1993) e que, em seu sentido primitivo, designava ações concretas como *arrastar*, *tocar*, *manusear*, *manejar*.

Ainda no latim, o verbo *tractare* apresentava sentidos mais abstratos, como *administrar*, *discorrer sobre*, *agir de determinado modo em relação a alguém* etc., e todas essas acepções correspondem a uma forma transitiva do verbo (SARAIVA, 1993).

No português, essas acepções abstratas e de uso transitivo se mantiveram no verbo *tratar*, ao lado de tantas outras que se associam a sentenças biargumentais: acepções como *cuidar*, *gerir*, *manter*, *conservar*, *tentar curar* (submetendo a tratamento) etc. Esse verbo, em geral, não projeta traços lexicais inerentes de concretude, mas relações desse tipo podem surgir na sentença a depender da natureza dos escopos projetados pelo verbo, como ocorre em *Naquele salão, os funcionários sabem tratar (d) o cabelo dos clientes*, em que é possível supor uma relação material, de manuseio, entre os escopos *os funcionários* e *o cabelo dos clientes*.

Pesquisas em etimologia dataram do século XIII a primeira ocorrência do verbo em português (MACHADO, 1967; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, 2009) e assinalaram variantes como *traut-*, *trauct-*, *tract-* e *traít-* para a raiz da palavra (MACHADO, 1967; CUNHA, 2010).

No português, existe um contexto sintático muito específico em que o verbo *tratar* pode não atuar com as características do verbo pleno, comportando-se de modo distinto em termos lexicais, gramaticais, semânticos e discursivos. É o contexto em que o verbo, sobretudo no presente do indicativo, coocorre com o clítico *se* e a preposição *de*. Nesses casos, o verbo tem as características de um verbo funcional, que é aquele que não mais desempenha as funções plenas de um núcleo sentencial e que, segundo Castilho (2010), se especializa na constituição de sentenças apresentacionais, atributivas e equativas.

Dessa estrutura funcional destacam-se duas manifestações gramaticais: uma em que o verbo, impessoal, tende a ocorrer na posição inicial da sentença, havendo próclise ou ênclise do clítico – *SE TRATA DE Y* ou *TRATA-SE DE Y* – e outra, em que se realiza um argumento externo – *X TRATA-SE DE Y* ou *X SE TRATA DE Y*. A segunda manifestação é a mais recente, encontrada no *corpus* analisado a partir dos anos 1900.

O objetivo desta pesquisa é identificar os processos de mudança que devem ter levado às seguintes alterações nos usos do verbo *tratar*: (1) de verbo pleno a verbo funcional; (2) como verbo funcional, de constituinte de um operador apresentacional impessoal a constituinte de uma estrutura identificacional com argumento externo. Note-se que, no português contemporâneo, há uma convivência desses usos.

Para atingir tal objetivo, realizou-se uma descrição sistemática das propriedades lexicais, gramaticais, semânticas e discursivas de diferentes usos do verbo em questão, com o fim de identificar quais dessas propriedades se mantêm ou se alteram entre as três formas (verbo pleno, apresentacional e identificacional).

As análises apresentadas no trabalho têm como orientação teórica a Abordagem Multissistêmica da Língua, conforme formulada em Castilho (2010). Essa abordagem conceitua a língua como um conjunto de processos e produtos que se organizam em quatro sistemas linguísticos: o léxico, a gramática, a semântica e o discurso. Esses quatro sistemas atuam simultaneamente quando os falantes fazem uso de qualquer estrutura linguística, e suas manifestações se fundamentam nos princípios que regem a conversação, entendida como “a atividade linguística básica” (CASTILHO, 2010, p. 79).

Trata-se de uma operação simultânea de harmonia entre esses sistemas, que não acarreta relações de dominância ou dependência entre eles.

Do ponto de vista diacrônico, entende-se que a mudança linguística ocorre de modo multilinear e que não envolve necessariamente sequencialidade ou substituição. Admite-se aqui que, dada a autonomia entre os sistemas linguísticos, as modificações nas propriedades de determinada estrutura, em seu uso, podem ocorrer de modo desigual entre esses sistemas, desde que se assegure a manutenção da funcionalidade do sistema linguístico como um todo.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A investigação diacrônica baseou-se em consultas ao *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), realizadas por meio da ferramenta de pesquisa do próprio *corpus*. Os dados disponíveis na coletânea quando da realização da pesquisa contemplavam o período dos anos 1300 aos anos 1900 (assim identificado no Corpus), incluindo dados do Português Europeu e do Português Brasileiro.

O *Corpus* se constitui de mais de 45 milhões de palavras, de textos de diferentes gêneros, sendo 1.316.268, 2.875.653, 4.435.031, 3.407.741, 2.234.951, 10.008.622 e aproximadamente 20.000.000 de palavras para, respectivamente, os períodos seculares de 1300, 1400, 1500, 1600, 1700, 1800 e 1900. Embora haja dados provenientes do Brasil a partir dos anos 1500, o *Corpus* informa apenas para os dados de 1900 o fato de estarem igualmente divididos entre textos de Portugal e do Brasil.

A busca teve como alvo os resultados em que coocorrem a forma verbal *trata* – em qualquer de suas variantes etimológicas e incluídos os casos de flexão plural –, o clítico *se* e a preposição *de*.

Definiu-se nas configurações de pesquisa o valor de 1000 para # HITS e para # KWIC¹. Todas as outras opções de pesquisa coincidem com as configurações-padrão do *Corpus do Português*.

Para o retorno direto da estrutura *trata-se de* pela ferramenta de pesquisa, as buscas devem ser construídas do seguinte modo (note-se que * é um caractere-coringa que substitui um número indefinido de letras ou de sinais como o hífen):

- (i) Busca por estrutura enclítica:
trat*se d*/traut*se d*/trauct*se d*/tract*se d*/trait*se d*;
- (ii) Busca por estrutura proclítica:
se trat* d*/se traut* d*/se trauct* d*/se tract* d*/se trait* d*.

¹ No Corpus do Português as opções HITS e KWIC (*keyword in context*) referem-se, respectivamente, ao número de resultados a exibir para a estrutura consultada e ao número de ocorrências da estrutura em contexto a serem exibidas a partir da pesquisa.

Observou-se, no entanto, que os resultados das buscas assim construídas não incluíam os dados coincidentes com a estrutura *trata-se de* para os anos 1300 a 1700, cuja existência foi posteriormente constatada em buscas isoladas com apenas um caractere-coringa – apenas os resultados dos anos 1800 e 1900 eram exibidos pelos procedimentos (i) e (ii).

Em decorrência dessa constatação, realizou-se uma nova busca com a entrada *trat** (em todas as variantes etimológicas), que retornou resultados para os outros séculos. Em seguida, foram selecionadas, na lista de palavras coincidentes com a busca, todas as formas do verbo no presente do indicativo.

Na listagem das ocorrências em contexto, selecionadas individualmente em cada período de cem anos (colunas de 1300 a 1700), procedeu-se à busca manual da coocorrência do verbo *trata* com a preposição *de* e o clítico *se* (proclítico e enclítico), que não havia sido filtrada automaticamente por essa nova busca. Com esse procedimento, foi possível analisar as ocorrências da estrutura em todo o período representado no *Corpus* (1300 a 1900).

O objetivo dessas buscas foi identificar (i) o século da primeira manifestação da estrutura *trata-se de* enclítica ou proclítica registrada no *Corpus*; (ii) o século da primeira realização da estrutura com argumento externo e (iii) a variedade do português em que houve mais ocorrências da estrutura com argumento externo (Português Europeu – PE – ou Português Brasileiro – PB). Para este último item, foi realizada uma quantificação dos dados.

A leitura das ocorrências identificadas fundamentou a descrição dos aspectos multissistêmicos da estrutura que serão discutidos nas seções seguintes, a fim de sustentar a hipótese diacrônica de que os dois usos do verbo *tratar* como verbo funcional decorrem da atuação histórica do clítico *se* como elemento detematizante nas estruturas em que é empregado.

O *Corpus* também foi utilizado para a exemplificação de outros usos do verbo *tratar* e de outras estruturas relevantes, mencionadas ao longo da argumentação. Os dados são identificados, entre parênteses, pelo código, pelo século e pelo nome do *Corpus*: (15:Couto:Decada8, s. XVI, Corpus do Português). As menções à estrutura sintagmática das construções com *trata-se de* envolvem as siglas SN (sintagma nominal), SV (sintagma verbal) e SP (sintagma preposicional).

3 DOS ASPECTOS SEMÂNTICO-LEXICAIS ENVOLVIDOS

Para que se compreendam as mudanças operadas pelo uso do clítico *se* na estrutura *trata-se de*, é preciso descrever seu funcionamento na operação dos quatro sistemas linguísticos. Começaremos por tratar dos aspectos semânticos e lexicais envolvidos nesse funcionamento, partindo da análise desses aspectos no uso do verbo *tratar* em sua forma plena, biargumental:

Na relação de predicação semântica entre o operador *tratar* e seus escopos – correspondentes, na estrutura gramatical, aos argumentos sentenciais selecionados –, é possível abstrair a projeção de traços lexicais de maior especificidade e identificar um traço geral comum projetado pelo verbo *tratar* em suas diversas acepções como verbo pleno biargumental. O resultado esquemático dessa abstração pode ser observado a seguir:

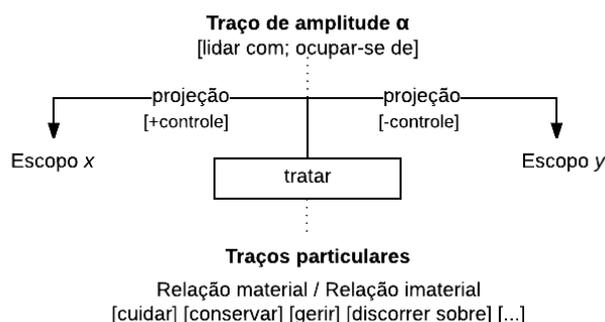


Figura 1 – Esquema de projeção semântica de traços lexicais do verbo *tratar* pleno biargumental

Fonte: Elaborado pelo autor (2016).

O que esse esquema pretende elucidar é a existência de uma propriedade lexical geral do verbo *tratar* pleno que estabelece entre escopo *x* e escopo *y* uma relação comum às diversas acepções. Essa relação comum pode ser aproximadamente descrita por: [*x* *lida* com *y*] ou [*x* *ocupa-se* de *y*] e consiste numa relação de agentividade, em que *x* exhibe o traço [+controle] e *y*, [-controle].

A relação está pressuposta em qualquer acepção do verbo pleno e pode se manifestar no enunciado, a depender da natureza semântica dos elementos envolvidos, como uma relação material ou imaterial – embora, em português, a relação imaterial, abstrata, seja a mais produtiva, como dito anteriormente. O tipo de propriedade geral ora apresentado denomina-se aqui *traço de amplitude*², e a propriedade geral das acepções do verbo *tratar* pleno é identificada por α .

O que parece se manter das propriedades lexicais primitivas do *tratar* latino nas acepções do verbo pleno português é justamente o traço de amplitude α , associado à propriedade [\pm controle]: nos sentidos concretos originais *arrastar*, *manusear*, *manejar*, o item lexical dispunha do mesmo traço de amplitude presente nos usos em que o verbo designa ações abstratas como *conservar*, *gerir* e *discorrer sobre*.

Em outras palavras, todas essas ações, concretas e abstratas, indicam modos de lidar com algo ou alguém, e é importante destacar que, ao fazer isso, o indivíduo *x* despense certo tempo com *y*, ocupa-se de *y*. O traço α está associado à manutenção das estruturas biargumentais do verbo pleno.

Note-se que as construções verbais sugeridas para exprimir α na Figura 1 envolvem verbos que, do ponto de vista da acionalidade, constituem, de modo geral, predicados dotados de uma duração interna: [lidar com]; [ocupar-se de].

Tal sugestão tem o intuito de dar conta do fato de que as acepções de *tratar* como verbo pleno produzem, em geral, sentenças com traço de acionalidade durativa. Os traços particulares das acepções de *tratar* pleno indicados na Figura 1 apresentam a mesma característica: [cuidar]; [conservar]; [gerir]; [discorrer sobre]. A categorização das classes acionais a que se remete aqui é aquela apresentada em Ilari e Basso (2014).

Para a distinção entre predicados durativos e não durativos, usa-se o critério da compatibilidade com adjuntos que medem duração, como *por x tempo*. As acepções do verbo *tratar* pleno são compatíveis com esse critério:

(1) dom Antonio de noronha fez prestes municois e petrechos, e cousas que lhe parecerão neçessarias para sua defenção e tambem *tratou* da alma como fizerão todos que se confeçarão com os padres de são francisco que entre elles andauão exercitando aquele ofiço com muita charidade. (15:Couto:Decada8, s. XVI, Corpus do Português)
[*tratou da alma por determinado tempo*]

(2) Vinha à capital dois dias em cada semana, quinta e sexta-feira, para *tratar* dos seus negócios de cortiça. (19:Fic:Pt:Cabral:Margem, s. XX, Corpus do Português) [... *para tratar, por algumas horas, dos seus negócios de cortiça*]

Ressalve-se que escapam desse teste *alguns usos* da estrutura em que o verbo *tratar* é seguido de preposição *de* e de um verbo no infinitivo.

(3) Sofia parecendo uma águia, vigiando séria os dois -, Libório cheirou encrenca. *Tratou de* mudar o assunto: - Bem, preciso de pouso. (19:Fic:Br:Abreu:Santa, s. XIX, Corpus do Português)

² Optou-se por não usar a noção de *hiperonímia*, cujo entendimento tradicional pressupõe uma relação (do tipo genérico-específico) entre determinados itens lexicais. O que chamamos aqui de *traço de amplitude* é um conjunto de propriedades semântico-lexicais que, apenas para fins de análise, são representadas por palavras – como se fez com *lidar (com)* e *ocupar-se (de)*.

(4) Vinte e Cinco deixou a porta aberta, de propósito. Alcides *tratou de fechá-la*, humildemente. (18:Alencar:Gaúcho, s. XIX, Corpus do Português)

Em (3) e (4), *tratou de mudar o assunto* e *tratou de fechá-la* não admitem um adjunto do tipo *por x tempo* a menos que se recorra a uma interpretação iterativa, o que faria o adjunto não medir mais a duração interna do evento individual, e sim a duração do período em que esse evento se repetiu. Nesses casos, portanto, o uso de *tratar* configura predicados não durativos.

É preciso notar, no entanto, que *tratar + de + verbo no infinitivo*, em usos dessa natureza, constituem um tipo de locução e que, nela, a acionalidade do predicado depende muito mais das propriedades do verbo no infinitivo (*fechar*), encaixado no SP, do que do verbo *tratar* (em *tratou de*). Esses usos distintos não interessam a este trabalho, e, uma vez descartados, observa-se uma consistência de acionalidade durativa no verbo *tratar* pleno biargumental.

Ainda do ponto de vista da acionalidade, o verbo pleno *tratar* durativo pode constituir predicados resultativos (da classe dos tólicos), que têm um complemento natural, ou não resultativos (da classe dos atélicos), que não têm um complemento natural, sendo os do primeiro tipo compatíveis com adjuntos do tipo *em x tempo*.

(5) Por outro lado, o prefeito Everson aproveitou sua viagem a Brasília para tratar do programa de recuperação da capacidade de pescagem da baía de Guaratuba, junto ao Ministério do Meio Ambiente. Ontem ele *tratou* do assunto com o deputado federal Luciano Pizzatto, que aposta neste projeto. (19N:Br:Cur, s. XX, Corpus do Português)

(6) O que compõe fábulas seja verisímil, e não terei eu razão de o reprovar. O que *trata* de ciência, alegue razões. O que fala de artes, experiência. E o que quer ensinar princípios, mostre autoridade. (16:Lobo:Aldeia, s. XVI, Corpus do Português)

No exemplo (5), a ação de *tratar do assunto com o deputado* tem um complemento natural, enquanto a que é expressa em (6) por *O que trata de ciência*, não. O teste da compatibilidade com adjuntos do tipo *em x tempo* mostra isso, pois é compatível com (5), mas não com (6):

(5a) ele tratou do assunto com o deputado em duas horas

(6a) *o que trata de ciência em duas semanas, alegue razões.

A não compatibilidade do adjunto *em duas semanas* com o predicado (6), representada em (6a), está associada ao fato de que *tratar de ciência* não indica uma ação que tem um final esperado. Uma possível aceitabilidade do adjunto em (6a) necessariamente altera a natureza da ação descrita pelo predicado, que passa a ser, com efeito, *tratar de ciência em duas semanas*, e não apenas *tratar de ciência*, de modo amplo. Essa alteração não ocorre em (5a) quando se usa o adjunto.

Note-se que esses traços de acionalidade não são necessariamente dependentes da morfologia temporal ou aspectual, pois o exemplo (5) pode ser transposto para o presente, como no exemplo (6), e manter a acionalidade resultativa (compatível com adjuntos do tipo *em x tempo*):

(5b) O prefeito Everson aproveita suas viagens a Brasília para tratar do programa de recuperação da capacidade de pescagem da baía de Guaratuba, junto ao Ministério do Meio Ambiente. Toda semana ele *trata* [*em algumas horas*] do assunto com o deputado federal Luciano Pizzatto, que aposta neste projeto.

Outra subcategorização das classes acionais que importa para este trabalho é a que subdivide os predicados durativos não resultativos em *continuativos* e *estativos*. Admite-se como critério para a distinção entre essas subclasses a compatibilidade com o imperativo, que se identifica com maior clareza nos predicados continuativos, mas não se verifica na maioria dos predicados

estativos, estes entendidos, de um ponto de vista nocional básico, como predicados que não indicam uma ação (BASSO; ILARI, 2004).

Os predicados tipicamente estativos contêm o traço [-controle]; por outro lado, Basso e Ilari (2004) demonstraram que alguns estativos que admitem o uso do imperativo envolvem predicados aos quais se pode atribuir o traço [+controle], dado que o indivíduo a que se refere o sujeito nulo da sentença imperativa pode deliberadamente se enquadrar ou não no que o predicado descreve (e.g. *Seja um bom menino!*). Os autores classificam predicados desse tipo como *não tipicamente estativos*.

O verbo *tratar* pleno constitui predicados que, de modo geral, indicam ações. Como descrito pelo traço α , o verbo projeta para um de seus escopos (em geral, o equivalente ao argumento externo) um traço [+controle], que está associado à compatibilidade com o imperativo. Isso se verifica em (6), reanalisado em (6b) com o uso do imperativo:

(6b) trate de ciência e alegue razões!

Tais observações apontam para um considerável grau de integração dos predicados durativos não resultativos constituídos pelo predicador *tratar* à classe dos continuativos. Isso muda nos usos do verbo como verbo funcional, como veremos, nos quais os predicados constituídos são estativos.

4 TRATAREM TRATA-SE DE

Importa sabermos se, nos casos em que o verbo *tratar* se manifesta com o clítico *se* e a preposição *de*, no presente do indicativo, também se mantém o traço de amplitude α .

Considerem-se, primeiramente, os casos em que se pode supor uma estratégia de indeterminação do agente pelo uso do clítico *se*:

(7) Nesta terceira cena *se trata de* como sendo Cismena de idade de quinze anos, criada em Creta, perfilhada de hũa nobre dona, ficou dela órfã, porém herdeira de toda sua fazenda. (15:Vicente:Obra2, s. XVI, Corpus do Português)

(8) Por tâto oje *se lee ho euangelho* no qual *se tra(u)ta do* amor que deos nos jnfundyo pello spirito santo (14:SantaMaria:Evangelhos, s. XV, Corpus do Português)

Em (7) e (8), na construção *se tra(u)ta de*, é plausível interpretar o verbo *tratar* como verbo pleno: o uso do clítico mantém indeterminado o agente, que ainda faz parte da predicação verbal – há alguém que *trata* do assunto, embora esse alguém não seja explicitado. A acepção correspondente a essa análise mantém o traço de amplitude α e uma acionalidade durativa não estativa.

Aparentemente, a presença de locativos, como *nesta terceira cena*, em (7), e *no qual (evangelho)*, em (8), possibilita a interpretação de agente indeterminado, pois estabelece uma ancoragem num tempo-espaço específico ao qual a sentença constituída por *se trata de* está associada. Essa ancoragem projeta, em termos de expectativa conversacional, a atuação de um agente da ação verbal naquele tempo-espaço identificado.

Há outros casos, no entanto, identificados em exemplos ao longo dos séculos, em que não se pode afirmar com convicção que o *se* indique indeterminação, sobretudo nos casos em que não há locativos adjuntos à sentença que *trata-se de* constitui:

(9) Quando *se trata de* trabalhos, quanto maiores e mais graves são tanto melhor é a sorte do que os padece. (16:Bernardes:Floresta16, s. XVII, Corpus do Português)

(10) Não costumo eu dormir, quando *se trata de* executar as ordens de meu amo. (17:Bluteau:VPLA2, s. XVIII, Corpus do Português)

(11) A estas se podiam ajuntar outras muitas palavras estrangeiras, que explicam melhor o que se quer dizer, principalmente quando *se trata de* Artes e Ciências, cujos termos é necessário usar, mas com cautela. (17:Vernei:Estudar, s. XVIII, Corpus do Português)

(12) A consciência do comércio e muito elástica quando *se trata de* negócios, porque faz parte dos principais requisitos do seu ofício enganar o comprador. (18:Azevedo:Touro, s. XIX, Corpus do Português)

(13) E portanto, quando *se trata de* uma escolha dessa natureza, toda a prudência se faz necessária. (18:Macedo:Amores, s. XIX, Corpus do Português)

Nos exemplos (9-13), o verbo *tratar* não estabelece necessariamente entre seus possíveis escopos a relação de agentividade descrita por α . Em alguns casos, parece haver uma ambiguidade: por exemplo, em (11), é possível interpretar o enunciado que contém *quando se trata de Artes e Ciências* do seguinte modo: *Quando alguém lida com Artes ou Ciências, é necessário que use os termos estrangeiros*. Nessa interpretação, parece viável identificar a função de *se* como a de indeterminador de um agente, que estabeleceria com o outro escopo do verbo – *Artes e Ciências* – a relação descrita pelo traço de amplitude α .

É possível, no entanto, que a sentença hipotática introduzida por *quando* e nucleada por *tratar* tenha servido apenas para orientar o interlocutor a respeito de uma questão que era necessário destacar no discurso, de modo que *quando se trata de Artes e Ciências* fosse interpretado como *quando o que está em questão são as Artes e as Ciências*. Nesse caso, a predicação operada pelo verbo *tratar* se dissolve e sobressai no predicado o que vem à direita de *se trata de* (*Artes e Ciências*), o que parece ocorrer também nos demais exemplos.

Por essa interpretação, a estrutura *quando se trata de* pode ser considerada um *marcador de tema* (LAURA, 2012). Trata-se de um tipo de partícula ou estrutura que explicita o tema que deve ser considerado na interpretação do conteúdo da sentença principal. Nesse sentido, distanciamos-nos da análise que Mourão (2010) faz da sentença construída com *quando se trata de*, na qual identifica a tradicional estratégia de indeterminação do sujeito.

Ainda que não se possa determinar para esses enunciados qual das duas interpretações foi processada pelo falante, há indícios a considerar em favor da segunda interpretação. Observe-se:

(14) Quando *se trata dos* dentes dos pacientes, usa-se máscara.

(15) Quando *se trata de* problemas delicados, usam-se palavras delicadas.

Nos exemplos (14) e (15), criados para fins argumentativos, o evento descrito pela sentença principal se relaciona diretamente com o evento descrito pela hipotática: i. a máscara é usada (por alguém) no momento em que os dentes são tratados (por esse alguém); ii. as palavras delicadas são usadas (por alguém) no momento em que os problemas delicados são tratados (por esse alguém). Nos dois casos, o verbo *tratar* pode ser analisado como pleno, pois se identifica sua estrutura predicadora de agentividade – *x trata de y* –, ressaltada a indeterminação gerada pela partícula *se*.

Nas sentenças com *se trata de* em (9-13), esse tipo de relação do conteúdo da sentença principal com o da hipotática não aparece com clareza, e no exemplo (10) tal relação parece bastante improvável: *Não costumo eu dormir, quando se trata de executar as ordens de meu amo*. Se considerássemos que, na sentença hipotática deste exemplo, o verbo *tratar* estivesse atuando como verbo pleno e a partícula *se* indicasse indeterminação de um agente, não haveria correlação morfológica adequada de pessoa entre *se trata de* e o

sujeito determinado da sentença principal, *eu*. Por isso, é muito provável que, nesse e nos outros exemplos, *quando se trata de* constitua um marcador de tema e que o status de *tratar* como verbo pleno nesse tipo de estrutura esteja em xeque.

A hipótese defendida aqui é a de que essa alteração nas propriedades do *tratar* em *se trata de* resulta da *detematização* produzida pelo uso do clítico *se*, que não apenas atuou no escamoteamento do agente, mas, com efeito, atingiu a diátese verbal, modificando a expressão do traço [\pm controle].

5 TRATA-SE DE E O SE DETEMATIZADOR

Em Ilari (2010), quando se discutem as funções do pronome *se*, chama-se a atenção para o fato de seus diferentes usos apresentarem uma característica comum: a de escamotear uma função temática qualquer, fenômeno a que se dá o nome de *detematização*.

Em grande parte dos empregos do clítico *se*, uma posição temática deixa de ser preenchida de modo típico, o que permite concluir que, abstraída a controvérsia tradicional sobre se o *se* é um indeterminador do sujeito, um apassivador ou qualquer outra coisa, o clítico atua, de modo geral, como *marca de detematização*³, e essa característica acompanha seu uso ao longo da história do português.

Nos diversos usos de sentenças com *trata-se de*, sobretudo aquelas desprovidas de adjuntos (especialmente locativos), o *se* detematizador enfraqueceu o reconhecimento da função de agente. O exemplo (10) indicia esse enfraquecimento pela falta de correlação morfológica pessoal entre *eu* e *se trata de*.

Nas construções *quando se trata de*, exemplos (9-13), consideradas como marcadores de tema, o *se* detematizador expressa não apenas o encobrimento de uma função de agente para um escopo de *tratar*, mas também a dissolução, na própria predicação verbal, da relação de agentividade projetada, expressa pelo traço [+controle]. Desse modo, o verbo *tratar* se distancia do traço de amplitude α da Figura 1. Nesses casos, o elemento que vem à direita da estrutura *trata-se de* não mais representa aquilo que *é tratado por alguém*, mas simplesmente aquilo que está em questão no discurso do falante.

Como visto, em alguns usos de *quando se trata de*, pode haver uma ambiguidade de interpretação que permite, em alguma medida, sugerir a presença de um agente indeterminado. Isso mostra que, nesses usos, o escamoteamento produzido pela detematização ainda se manifesta em um grau relativamente moderado, apesar de se exibir mais claramente que nos casos em que há locativos adjuntos. São todos esses usos aparentemente híbridos em interpretação, no entanto, que podem ter criado condições para a emergência de usos de *trata-se de* em que um grau cada vez maior de escamoteamento contribuiu para a especialização do verbo *tratar* dessa estrutura como verbo funcional. Observem-se os seguintes casos:

(16) Que misteriosa afinidade tem esse bicho [o rato] com o homem. *Trata-se de* uma atração que não exalta nenhum dos dois. (19:Fic:Br:Resende:Braco, s. XX, Corpus do Português)

(17) A localidade que possui as mais elevadas altitudes na África *trata-se da* região do Monte Kilimanjaro, na Tanzânia, que atinge em seu pico vulcânica altitude de cerca de cinco mil, oitocentos e noventa e cinco metros acima do nível do mar. (CDP:19Ac:Br:Enc, s.XX, Corpus do Português)

Em (16) e (17), o verbo *tratar* não está mais atuando como verbo pleno e já não mais integra as acepções cobertas pelo traço de amplitude α – [lidar com]; [ocupar-se de]. O clítico *se* atua no auge de seu aspecto detematizante.

Observa-se também com clareza uma alteração na acionalidade dos predicados constituídos por *tratar*. Em suas acepções como verbo pleno, manifestavam-se predicados durativos resultativos ou não resultativos; como não resultativos, caracterizavam-se por

³ Para evitar associações indevidas, fica esclarecido aqui que o termo *marca de detematização* em nada se relaciona com o termo *marcador de tema*, mencionado anteriormente. O *tema* em *detematização* se refere às propriedades temáticas da predicação, enquanto o *tema* em *marcador de tema* é apenas compatível com questões relativas à estrutura informacional da sentença ou ao tópico discursivo.

serem apenas continuativos, e não estativos. Nos usos expressos em (16) e (17), ambos os predicados são estativos, como se pode concluir pelo critério da não compatibilidade com o imperativo:

(16a) *Trate-se de uma atração que não exalta nenhum dos dois!

(17a) *Trate-se da região do Monte Kilimanjaro, na Tanzânia, que atinge em seu pico vulcânico a altitude de cerca de cinco mil, oitocentos e noventa e cinco metros acima do nível do mar!

O que explica a alteração na acionalidade dos predicados também é a atuação do *se* detematizador: o escamoteamento da agentividade e, portanto, do traço [+controle], inviabiliza a compatibilidade com o imperativo, que, como vimos, depende desse traço. Tal fato aproxima essas construções com *trata-se de* da categoria dos predicados tipicamente estativos, aqueles que, para além do critério nocional abrangente de *não indicar uma ação*, exibem necessariamente o traço [-controle].

Ainda do ponto de vista da acionalidade, deve-se notar que tais estruturas com *trata-se de* funcional dão origem a predicados que podem ou não ser compatíveis com adjuntos do tipo *por x tempo*, que medem duração. Os exemplos (16) e (17), reanalisados em (16b) e (17b) parecem compatíveis com esses adjuntos, já os exemplos (18) e (19), não.

(16b) Que misteriosa afinidade tem esse bicho [o rato] com o homem. *Por/há muito tempo trata-se de* uma atração que não exalta nenhum dos dois.

(17b) A localidade que possui as mais elevadas altitudes na África, *por/há muito tempo, trata-se da* região do Monte Kilimanjaro, na Tanzânia, que atinge em seu pico vulcânico a altitude de cerca de cinco mil, oitocentos e noventa e cinco metros acima do nível do mar.

(18) O professor Clarimundo ouviu batidas em sua porta. *Trata-se da* viúva Mendonça, que vem reclamar a falta de pagamento do aluguel (19:Fic:Br:Verissimo:Caminhos, s. XX, Corpus do Português)

(18a) ? O professor Clarimundo ouviu batidas em sua porta. *Por/há muito tempo trata-se da* viúva Mendonça, que vem reclamar a falta de pagamento do aluguel.

(19) A cárie *trata-se da* erosão dentária provocada pela ação bacteriana na boca (19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

(19a) * A cárie *trata-se, por/há muito tempo, da* erosão dentária provocada pela ação bacteriana na boca.

Essas opções exibem outra diferença em relação ao verbo *tratar* pleno biargumental, pois este, de modo geral, constitui predicados compatíveis com adjuntos que medem duração.

Note-se que há entre os usos exemplificados em (16)/(18) e (17)/(19) uma diferença marcante: em (17)/(19), há um argumento externo para *trata-se de* – *A localidade que possui as mais elevadas altitudes na África* e *A cárie*. Em (16) e (18), o verbo é impessoal. Isso aponta para outro processo de mudança envolvendo o *trata-se de*, uma mudança interna à sua categoria de elemento funcional.

Em (16) e (18), *trata-se de* constitui uma *sentença apresentacional*, que preserva propriedades dos marcadores de tema analisados anteriormente, no sentido de que indica *o que está em questão* no discurso. Em (17) e (19), *trata-se de* constitui uma *sentença identificacional*. Veremos que essas sentenças compartilham entre si determinadas propriedades na atuação dos quatro sistemas linguísticos e sustentaremos a hipótese de que esse compartilhamento de propriedades está associado à emergência da estrutura (17)/(19) a partir da estrutura (16)/(18).

6 TRATA-SE DE E A FUNÇÃO DE APRESENTAÇÃO

Define-se aqui a apresentação como a função linguística de que o falante faz uso para dar destaque a um referente, por meio de sua (re)introdução no universo do discurso e mediante um enunciado particular.

Tem sido lembrada como uma das primeiras menções à função apresentacional da língua a discussão de Bolinger (1971) sobre a inversão adverbial em sentenças ergativas do inglês com sujeito posposto⁴. O autor propõe a denominação de *sentenças apresentacionais* para essas construções, destacando seu papel de introduzir o referente do sujeito na cena discursiva.

As sentenças apresentacionais são identificadas e definidas por meio de seu aspecto funcional, como reconheceu Suñer (1982), que dedicou um livro ao funcionamento dessas construções no espanhol. Não se pode deixar de considerar, no entanto, do ponto de vista estrutural, que o verbo tende a posicionar-se antes do SN-argumento nessas sentenças, o que pode ser um fator auxiliar para a identificação das apresentacionais.

No que diz respeito às manifestações da função apresentacional no português, destaca-se o trabalho de Franchi; Negrão; Viotti (1998), no qual tanto as construções impessoais com *ter* e *haver* quanto as ergativas de sujeito posposto, embora não irmanadas sintaticamente, são consideradas estruturas que realizam *foco apresentativo*, este definido como o processo sintático que coloca em proeminência um dos constituintes da construção apresentativa. Nas construções apresentativas a que esses autores dão destaque, o foco apresentativo recai sobre um SN-argumento.

A estrutura sintagmática das construções apresentacionais é um ponto oportuno para avaliar se a estrutura *trata-se de* constituiria uma sentença desse tipo.

Em geral, quando há um SP nas sentenças apresentacionais, este corresponde a um elemento locativo, que, do ponto de vista semântico, descreve a cena na qual emerge a entidade apresentada sob a forma de um SN. Em outras palavras, um SN-argumento é o que se encaixa na margem direita do sintagma verbal – e.g. *Tem um rato no armário*, em que o SN *um rato* recebe foco apresentativo e o SP *no armário* é o locativo (a cena).

Com *trata-se de*, o elemento interno ao SV é um SP – e.g. *Trata-se de um assunto delicado*. Não se pode dizer, no entanto, que, nessa estrutura, um SP-argumento receba o foco apresentativo, pois o referente apresentado é expresso pelo SN encaixado no SP.

Um modo de compreender o funcionamento da preposição nessa estrutura é atentar para o seguinte fato: dadas as modificações de uso que levaram ao emprego não pleno de *trata-se de*, a coocorrência de verbo, clítico e preposição passou a constituir um tipo de estrutura funcional integrada, na qual o *se* detematizante e a preposição constituem com o verbo um *operador apresentacional* (CASTILHO, 2010). Disso decorre que o *de* necessariamente exerce um papel gramatical dentro do elemento apresentador, o que deixa fora de questão uma correlação entre a estrutura sintagmática preposicional e o recebimento de foco apresentativo.

Outra questão que remanesce é aquela sobre qual seria o papel sintático exercido pelo elemento que recebe foco apresentativo nas sentenças com *trata-se de* depois das modificações sofridas pelo verbo.

Na classe de construções apresentacionais descrita por Franchi, Negrão e Viotti (1998), o argumento que recebe foco apresentativo, um SN, assume, nas sentenças de verbo ergativo, a função de sujeito – um sujeito posposto. Nas sentenças impessoais com verbo *ter* e *haver*, defende-se que o SN-argumento atua como complemento objeto direto, recebendo do verbo existencial o Caso acusativo, enquanto outras descrições identificam aí um sujeito posposto. Os autores reconhecem, no entanto, que a definição das propriedades desse argumento é naturalmente controversa e atribuem a dificuldade à fraqueza de distinção morfológica para Caso no português.

⁴ E.g. *Round the bend came the train* (BOLINGER, 1971, p. 584) – *Pela curva veio o trem*.

Em Castilho (2010), propõe-se para o constituinte em questão uma função sentencial baseada na tipologia específica das sentenças apresentacionais. Essa função recebe o nome de *absolutivo*, que indica um caso abstrato projetado pelos verbos apresentacionais. O *absolutivo* é uma função privativa dos verbos apresentacionais impessoais.

A identificação do *absolutivo* resolve o problema de categorização que envolve a inclusão de *trata-se de* entre as construções apresentacionais: não se faz necessária a identificação de uma função sintática de complemento ou de sujeito, já que a nova categorização é capaz de abarcar diferentes construções, por similitudes como a impessoalidade, a tendência à posposição do argumento e o foco apresentativo.

É necessário destacar, no entanto, que, ainda que as sentenças com *trata-se de* se enquadrem, por essa categorização, entre as construções apresentacionais, uma análise de seu funcionamento discursivo mostra que elas não são construções apresentacionais como as tradicionalmente descritas na literatura sobre o assunto.

As sentenças apresentacionais para as quais há hoje descrição costumam introduzir um referente no universo do discurso que é, em geral, ativado nessa apresentação, para que posteriormente se façam a ele remissões, especificações etc.:

(20) Meu cabelo é assim. O dia que você me vir saindo do banho vai ver que ele é assim. Eu passo gel para dar a ideia de que tá molhadinho. Tem *um cara que cuida desse corte* há mais de dez anos. Tudo que *ele* sempre teve vontade de fazer nas cabeças das pessoas, *ele* faz na minha. (19Or:Br:Intrv:Web, s. XX, Corpus do Português)

(21) Conheço suas boas qualidades, estou que fará minha filha feliz. Mas há *uma coisa que me aflige*, ainda, dando eu de livre vontade o meu consentimento [...] *Se a minha pobre filha for com o senhor para S. Paulo, não ouvirá mais óperas italianas*. (18:Pena:Diletante, s. XIX, Corpus do Português)

Em (20), o referente expresso pelo SN *um cara que cuida desse corte* é apresentado pelo verbo *ter*; posteriormente, o pronome *ele* retoma aquele SN. Em (21), o apresentacional *há* introduz o referente do SN *uma coisa que me aflige*, e, posteriormente uma sentença complexa o especifica.

Nesses casos, a relação discursiva da porção textual anterior com a sentença apresentacional se dá apenas pela *concernência*⁵ entre seus elementos textuais, que asseguram a manutenção de um tópico discursivo amplo: em (20), o cabelo do indivíduo; em (21), o casamento da filha.

Nas sentenças apresentacionais constituídas por *trata-se de*, a relação discursiva entre a sentença apresentacional e a porção textual precedente é um pouco distinta. Observe-se:

(22) Aí tem pelo que já falou, e ganhará outro tanto se me der as informações de que ainda preciso. - Vamos lá, mas espero que o senhor não nos comprometa. Bem sabe que estas casas.. - Descanse, as informações de que preciso só aproveitam a mim próprio; *trata-se de* interesses particulares. (18:Azevedo:Mattos, s. XIX, Corpus do Português)

(23) As autoridades alemãs disseram, de outra parte, que a reação europeia não representa rompimento do chamado "diálogo crítico" com o Ira. " *Trata-se apenas de* uma interrupção temporária", garantiu Martin Erdeman, porta-voz do Ministério das Relações Exteriores alemão. (19N:Br:SP, s. XX, Corpus do Português)

(24) Qual é a situação actual do teatro nesta ilha? R. - As coisas estão crescendo, com os grupos a multiplicarem-se. *Trata-se de* um movimento crescente e o Mindelact surge para evitar aquilo que tem sido a história recente do teatro

⁵ Destaque-se que a *concernência* é um dos traços que constituem uma das propriedades definidoras do tópico discursivo, a *centração* (JUBRAN, 2015).

em Cabo Verde, que são aos ciclos de dois ou três anos de alguma euforia teatral sucederam-se dois ou três períodos de marasmo, onde não acontece nada. (19Or:Pt:Intrv:Pub, s. XX, Corpus do Português)

(25) A próxima eleição será a primeira, em nível presidencial, cuja votação e apuração estarão informatizadas em boa parte do país. *Trata-se de* um avanço em direção ao aperfeiçoamento da maneira de votar e apurar. (19N:Br:Cur, s. XX, Corpus do Português)

Em todos os exemplos de (22-25), o referente apresentado por *trata-se de* começa a aflorar textualmente nos enunciados anteriores, ou é ativado por um outro SN. Isso indica que as sentenças apresentacionais com *trata-se de* operam na progressão referencial do texto maiormente por uma estratégia anafórica. Mourão (2010) já havia mencionado esse fato.

Para dar conta desses processos, o conceito de *anáfora* a que se remete aqui é aquele que vem sendo, há longa data, utilizado por Koch e Marcuschi e que pode ser representado pelo seguinte esquema (MARCUSCHI; KOCH, 2015, p. 360):

$$F(\text{onte})^1 \leftarrow A(\text{nafórico})^1$$

O elemento F^1 , fonte ou âncora, pode ser um SN, um SV, uma sentença ou qualquer item que possa ser inferido por associação. Já A^1 , o anafórico, é um elemento que remete a F^1 , com ou sem retomada.

Tendo em vista esse esquema, os exemplos anteriores podem ser analisados do seguinte modo:

(22a) F^1 : o interesse pelas informações inferido ao longo do diálogo; A^1 : o SN *interesses particulares* (introduzido por *trata-se de*).

(23a) F^1 : o SN *a reação europeia*; A^1 : o SN *uma interrupção temporária* (introduzido por *trata-se de*).

(24a) F^1 : o crescimento dos grupos de teatro, expresso por estruturas verbais (*crecendo; multiplicarem-se*); A^1 : o SN *um movimento crescente* (introduzido por *trata-se de*).

(25a) F^1 : toda a descrição do processo eleitoral em questão; A^1 : o SN *um avanço em direção ao aperfeiçoamento da maneira de votar e apurar* (introduzido por *trata-se de*).

Os itens (22a – 25a) mostram que é muito comum que, nas sentenças apresentacionais constituídas por *trata-se de*, os elementos textuais anteriores a elas sirvam de ancoragem para a introdução do elemento que constitui o absoluto. Disso se conclui que, em comparação com as apresentacionais tradicionais, esse elemento apresentado não é tão novo no contexto discursivo próximo, mas um referente do qual já se vinha falando e que é reintroduzido e semanticamente recategorizado. Não se pode ignorar, no entanto, que continua havendo foco apresentativo para o elemento introduzido por *trata-se de*.

A estratégia de progressão referencial descrita acima abre caminho para relações anafóricas em que A^1 serve claramente para *identificar* F^1 , como se observa a seguir:

(26) Na Federação Russa, foi descoberto o documento mais antigo da existência humana no hemisfério norte. *Trata-se da* presa de uma fêmea de mamute, de sete ou oito anos, com 1,3 metros de comprimento, e que apresenta marcas feitas pelo homem. (19Ac:Pt:Enc, s. XX, Corpus do Português)

- F^1 : o documento mais antigo da existência humana (*elemento a ser identificado*)

- A^1 : a presa de uma fêmea de mamute, de sete ou oito anos, com 1,3 metros de comprimento, e que apresenta marcas feitas pelo homem (*elemento identificador*)

(27) Em suas expedições, Carter encontrou a tumba do importante faraó Thutmose IV e da rainha Hatshepsut, mas a sua maior descoberta foi considerada um dos maiores achados arqueológicos do século. *Trata-se da tumba até então intocada do faraó Tutancamon, o conhecido soberano do antigo Egito.* (19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

- F¹: a sua maior descoberta (*elemento a ser identificado*)

- A¹: a tumba até então intocada do faraó Tutancamon (*elemento identificador*)

Em (26) e (27), F¹, ao ser mencionado na porção textual anterior à sentença com *trata-se de*, produz no discurso uma inevitável necessidade de identificação: (a) qual é o documento mais antigo da existência humana descoberto?; (b) qual é a maior descoberta de Carter? Essas questões implícitas são respondidas por A¹.

Constatações como essa permitem localizar nas sentenças com *trata-se de* outra função linguística, que, atuando concomitantemente com a de apresentação, constitui uma instabilidade categorial propícia à modificação gramatical e que pode ter dado origem à estrutura com argumento externo. Trata-se da função identificacional.

7 TRATA-SE DE E A FUNÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO

Diremos aqui que a função identificacional é aquela pela qual o falante explicita, por meio de certos tipos de enunciado, a resposta a uma questão de identificação explícita ou subjacente.

Questões como essa já foram discutidas, por exemplo, por Halliday (1967), que, ao distinguir uma de três possíveis classes do verbo *to be* no inglês, usa como critério uma questão de referência introduzida por *quem* (*who*) ou *qual* (*which*). As sentenças que respondem a essas questões, tratadas pelo autor como *questões de identificação*, são chamadas de *equativas*⁶ (HALLIDAY, 1967, p. 67).

Do ponto de vista multissistêmico, a função identificacional se manifesta nos diferentes sistemas linguísticos do seguinte modo:

- I. No discurso, a identificação consiste em fazer recorrer um referente que emergiu por inferência ou pelo uso de quaisquer elementos referenciais e que é necessário identificar de forma clara, seja porque houve uma demanda explícita, em um diálogo, por exemplo, quando se pergunta *o que é x?*, seja porque o próprio falante julga necessário fazê-lo para que seus propósitos comunicacionais sejam alcançados. Os exemplos (26) e (27) demonstraram essa necessidade.
- II. Do ponto de vista semântico, tende-se a estabelecer uma relação de identidade entre os referentes de cada um dos dois elementos linguísticos da relação; essa propriedade se verifica também quando a recorrência se dá no discurso, mas não na estrutura (quando o referente é inferido e formalmente realizado apenas no elemento identificador). No exemplo (26), *o documento mais antigo da existência humana* e *a presa de uma fêmea de mamute (...)* referem-se a uma mesma entidade. O mesmo ocorre em (27), com *a sua maior descoberta* em relação a *a tumba até então intocada do faraó Tutancamon*.
- III. Gramaticalmente, configura-se na língua uma estrutura especializada em *explicitar* a identificação; essa configuração, em uma língua como o português, geralmente estabelece que o item que explicita a identificação – o verbo *ser*, por exemplo – se realize em posição anterior ao elemento identificador – e.g. *O João é o meu pai*, em que o verbo *ser*, que explicita a identificação, aparece antes de *o meu pai*, o elemento identificador. Nos exemplos (26) e (27), *trata-se de* cumpre essa função, e sua colocação é sempre anterior ao elemento identificador.

⁶É preciso fazer a ressalva de que, para Halliday, apesar de as sentenças equativas responderem a questões de identificação, apenas as pseudoclivadas recebem o nome de sentenças *identificacionais*.

- IV. No sistema do léxico, o falante seleciona um item linguístico ou um conjunto de itens para atuar como elemento identificador. Esse(s) item(s) deve(m) conter propriedades lexicais que sejam compatíveis com o referente tal como se manifestou na primeira menção/inferência. A seleção se harmoniza com o modo como o referente é tratado na estrutura discursiva específica. Por exemplo: em (26), o item lexical que nucleia o SN identificador é *presa* (a presa de uma fêmea de mamute) e o item lexical que nucleia o SN identificado é *documento*. De um ponto de vista lexicográfico, não se costuma estabelecer uma relação direta entre um documento e uma presa; no entanto, o conhecimento de mundo dos interlocutores identifica uma relação de hiperonímia-hiponímia entre esses dois termos. Os traços que viabilizam essa relação estão no sistema do léxico, constituído pelo uso.

Ainda do ponto de vista lexical, destaca-se que o elemento que explicita a identificação deve conter um traço lexical de amplitude que possibilite a noção de identidade. Sugere-se aqui um traço de amplitude β , que pode ser aproximadamente descrito por x [é identificável como] y^7 . Na estrutura que tem estado em questão, o *trata-se de* parece ser compatível com esse traço, pois em (27), por exemplo, é possível substituir *trata-se de* por um verbo *ser*, tipicamente usado em relações de identidade: *a sua maior descoberta é a tumba (...)*.

As propriedades multissistêmicas apresentadas acima são todas compatíveis com os usos de *trata-se de* nas sentenças apresentacionais mencionadas. O intuito da descrição dessas propriedades é identificar nesses usos de *trata-se de* a constituição das condições para a mudança em sua estrutura argumental, que, defende-se aqui, deu origem aos seguintes usos:

(28) Para Carlos Martins a privatização *trata-se de* uma medida estruturante com vista à redução das despesas públicas que não irá melhorar o funcionamento dos hospitais. (19N:Pt:Beira, s. XX, Corpus do Português)

(29) O Partenon *trata-se de* um templo cercado por uma fileira única de colunas dóricas, possuindo as medidas de 30,88 metros de frente por 69,50 metros de fundo. (19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

(30) Nos humanos, o pigmento responsável pela coloração da pele, cabelos e olhos *trata-se da* melanina. (CDP:19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

Nos casos apresentados em (28-30), *trata-se de* aparece com um argumento externo em sentenças que exibem bastante claramente a função de identificação – em todas elas, o verbo *ser* pode substituir o *trata-se de*, mantendo as construções bem formadas. Nesses casos, não há foco apresentativo, pois a introdução do referente se dá pela ativação do primeiro sintagma nominal, e o verbo deixa de iniciar a sentença.

Esse tipo de sentença é chamado aqui de *sentença identificacional*, como uma forma sintaticamente especializada da função de identificação, na qual o elemento identificado e o elemento identificador fazem parte da mesma sentença.

A hipótese para o surgimento dessa estrutura é a de que houve, a partir das apresentacionais com *trata-se de*, a especialização da função identificacional, que já convivia (e ainda convive) com a função apresentativa. Nessa especialização, o elemento âncora F^1 se deslocou para o interior da sentença em que se exibia o anafórico A^1 . Esse deslocamento provocou, das manifestações multissistêmicas da identificação, uma alteração na configuração gramatical da relação de identidade, que instituiu um argumento externo para *trata-se de*, produzindo uma sentença do tipo identificacional semelhante às sentenças equativas.

Aparentemente, as regras de concordância em uso pelos falantes passaram a incluir o *trata-se de* identificacional entre os elementos que podem apresentar compartilhamento de traços morfológicos com o sujeito, o que faz com que o verbo dessa estrutura passe a apresentar flexão de número, como se observa em:

(31) As fotos da guerra *tratam-se de* paisagens de destruição e de morte. (19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

⁷ Aqui, empresta-se de Halliday (1967, p. 66) a proposta para um dos sentidos do verbo *to be*, “is identifiable as”.

(32) As obras *Iliada* e *Odisséia* *tratam-se de* epopeias. (19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

A flexão plural em *tratam-se de* não é exclusiva das sentenças identificacionais. Sentenças sem argumento externo, localizadas no século XX, também exibem essa marca:

(33) As primeiras manifestações da arte egeana são vasos de mármore e principalmente figuras esculpidas desse mesmo material, que são os produtos mais típicos da arte cicládica. *Tratam-se de* figuras simples, extremamente expressivas. (19Ac:Br:Enc, s. XX, Corpus do Português)

Exemplos como (33) poderiam sugerir duas coisas. A primeira é que a marca de plural em *tratam* se deve a um compartilhamento de traços com o sintagma nominal à direita, *figuras simples*. Para alguns autores que sugerem essa hipótese, como Bagno (2011), essa marca decorre de uma hipercorreção em que incorre o falante.

Por outro lado, dados os processos de alteração na estrutura argumental de *trata-se de* que expusemos aqui, é plausível que esse morfema plural esteja acompanhando a constituição do argumento externo a partir de um elemento âncora plural F¹, com o qual compartilha o traço de número. O morfema plural indicia a implementação dessa estrutura argumental pela manutenção da regra de concordância entre o sujeito e o verbo, ou, neste caso, entre o elemento retomado por um sujeito nulo e o verbo.

8 IDENTIFICAÇÃO TEMPORAL DA ESTRUTURA ARGUMENTAL

Entre os dados coletados, identificou-se a primeira ocorrência para cada manifestação gramatical da estrutura *trata-se de* (considerados os dados a partir dos anos 1300, conforme a divisão original do Corpus), a saber: a estrutura sem argumento externo e com *se* proclítico ou enclítico e a estrutura com argumento externo, também com *se* proclítico ou enclítico. A Tabela 1 descreve os resultados.

Estrutura	Período representado no Corpus						
	1300-1399	1400-1499	1500-1599	1600-1699	1700-1799	1800-1899	1900-1999
<i>trata-se de y</i>	-	-	X	X	X	X	X
<i>se trata de y</i>	-	X	X	X	X	X	X
<i>x trata-se de y</i>	-	-	-	-	-	-	X
<i>x se trata de y</i>	-	-	-	-	-	-	X
<i>tratam-se de y</i>	-	-	-	-	-	-	X
<i>se tratam de y</i>	-	-	-	-	-	-	X
<i>x tratam-se de y</i>	-	-	-	-	-	-	X
<i>x se tratam de y</i>	-	-	-	-	-	-	X

Tabela 1: Indicação de ocorrência de *trata-se de* com próclise e ênclise, sem e com argumento externo, considerados em conjunto os dados do Português Europeu e do Português Brasileiro provenientes do Corpus do Português – anos 1300 a 1900

Fonte: Elaborada pelo autor (2016)

Nota: sinais convencionais:

X Ocorrência da estrutura no período em questão sem indicação de dado numérico;

- Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento (não ocorrência da estrutura).

A Tabela 1 mostra que os usos de *trata-se de* sem argumento externo, comuns tanto no PE quanto no PB, ocorrem, pelo menos desde os anos 1400 (tendo em vista os dados deste corpus). Por outro lado, a estrutura dotada de argumento externo é bastante recente, com ocorrências a partir dos anos 1900, assim como as ocorrências em que o verbo *tratar* aparece no plural, em sentenças com e sem argumento externo.

Note-se que essa identificação pode abarcar os diferentes graus de detematização produzidos pelo clítico *se* nas formas do verbo *tratar* sem argumento externo, com propriedades híbridas entre verbo pleno e funcional. Como se trata de interpretações que

dependem da intuição dos falantes, uma definição inequívoca do status de verbo pleno/funcional para esses casos seria arbitrária. Por isso, tal tipo de definição para a identificação temporal não foi feita nesta seção.

O que deve ficar claro é que o clítico *se* detematizante atua, em qualquer caso, como um escamoteador de função temática e que essa propriedade está sendo reconhecida como o gatilho para todas as alterações descritas neste trabalho, hipótese que se sustenta nas análises qualitativas apresentadas anteriormente.

Já no caso das estruturas com argumento externo localizadas nos anos 1900, não há ambiguidade possível quanto ao uso de *trata-se de*, que atua com as características de um verbo *ser* de identificação.

A presença das duas estruturas, com e sem argumento externo, nos anos 1900 tornou oportuna uma comparação quantitativa das ocorrências no PE e no PB. A Tabela 2, a seguir, apresenta os resultados dessa comparação, levando em conta, além da estrutura argumental, a colocação do clítico e a flexão de número do verbo. Note-se que os textos dos anos 1900 correspondem a aproximadamente 20 milhões de palavras, igualmente divididas entre dados de Portugal e do Brasil.

Estrutura	Variedade do português		
	PE	PB	Totais
Sem argumento externo			
Trata-se de Y (ênclise)	557	397	954
Se trata de Y (próclise)	310	303	613
Tratam-se de Y (ênclise)	5	8	13
Se tratam de Y (próclise)	8	4	12
Total	880	712	1592
Com argumento externo			
X trata-se de Y (ênclise)	4	33	37
X se trata de Y (próclise)	1	6	7
X tratam-se de Y (ênclise)	-	3	3
X se tratam de Y (próclise)	1	-	1
Total	6	42	48
Total Geral	886	754	1640

Tabela 2: Ocorrências de *trata-se de* no Português Europeu (PE) e no Português Brasileiro (PB) com próclise e ênclise, sem e com argumento externo expreso, identificadas no Corpus do Português – anos 1900 – em aprox. 20 milhões de palavras igualmente divididas entre PE e PB.

Fonte: Elaborada pelo autor. (2016)

Nota: Sinal convencional utilizado:

– Dado numérico igual a zero não resultante de arredondamento

A Tabela 2 mostra que as ocorrências de *trata-se de* com argumento externo nos anos 1900 foram menos numerosas que aquelas sem argumento externo, 48 (3%) contra 1592 (97%) ocorrências; mostra, ainda, que a estrutura com argumento externo ocorreu com maior frequência no PB em relação ao PE (42 contra apenas 6 dados). Os dados também mostram um maior emprego da ênclise nessa estrutura: na comparação total dos dados, houve 40 ocorrências da estrutura em ênclise contra 8 ocorrências de próclise. Ocorrências do verbo no plural (*tratam*) foram identificadas tanto no PE quanto no PB, a maioria delas na estrutura sem argumento externo – 25 dados contra 4 dados com argumento externo (leve-se em conta o fato de a estrutura sem argumento externo ser, nos dados gerais, mais numerosa).

9 CONCLUSÕES

A pesquisa concluiu que a estrutura *trata-se de*, enclítica ou próclítica, usada pelo menos desde os anos 1400, segundo o *corpus* analisado, está associada a usos de *tratar* como verbo pleno e como verbo funcional. A emergência do verbo *tratar* funcional parece decorrer do recurso histórico ao clítico *se* detematizante, que operou o escamoteamento do traço [+controle] na relação predicativa

entre o verbo e um de seus escopos, dissolvendo a relação de agentividade. Esse escamoteamento deu lugar a uma estrutura impessoal, e a perda do traço [+controle] alterou a acionalidade dos predicados por ela constituídos, que se tornaram predicados estativos.

Essas alterações fizeram emergir sentenças apresentacionais nas quais o elemento que recebe foco apresentativo (A¹) remete a uma fonte/âncora (F¹) estabelecida em porções discursivas precedentes. Nessas estruturas, observou-se uma estratégia de identificação entre (F¹) e (A¹).

Numa especialização da identificação no sistema gramatical, como um modo de explicitar formalmente essa relação, os falantes transportaram (F¹) para o interior da sentença com *trata-se de*, implementando um argumento externo (verificado em dados a partir dos anos 1900 no PE e no PB). A tendência à constituição de argumento externo pode ter feito os falantes adotarem uma regra de concordância do verbo *tratar* com o elemento F¹ – verificada inclusive quando não há argumento externo explícito.

As mudanças não acarretaram a substituição de usos, mas o acúmulo de usos, pois, no português contemporâneo, usa-se o verbo *tratar* em *trata-se de* como verbo pleno (sobretudo nos casos em que há locativos adjuntos – e.g. *Nesta sala se trata dos dentes dos pacientes*), também como verbo funcional sem argumento externo e como verbo funcional com argumento externo.

Os resultados dessa pesquisa oferecem uma nova contribuição para o exame da atuação dos clíticos na diacronia do português, sobretudo no que diz respeito à detematização produzida pelo *se*, que, no caso aqui descrito, levou às alterações multissistêmicas analisadas, mas que pode estar associada também a outros fenômenos, como o próprio apagamento do clítico em sentenças como *Como (se) faz para comprar pela internet?*, em virtude do não reconhecimento de uma função temática agentiva para o clítico *se* detematizante.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BASSO, R. M.; ILARI, R. Estativos e suas características. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v4n1/02.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2016.
- BOLINGER, D. A further note on the nominal in the progressive. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 2, n. 4, p. 584-586, Autumn 1971. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4177671>>. Acesso em: 5 out. 2016.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do português: 45 million words, 1300s-1900s*. 2006-. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen>>. Acesso em: 5 out. 2016.
- FRANCHI, C.; NEGRÃO, E. V.; VIOTTI, E. Sobre a gramática das orações impessoais com *ter/haver*. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 14, n. espec., não paginado, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300009>. Acesso em: 5 out. 2016.
- HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English: Part 1. *Journal of Linguistics*, London, v. 3, n. 1, p. 37-81, apr. 1967. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4174950>>. Acesso em: 5 out. 2016.

ILARI, R. Os pronomes do português brasileiro: algumas comparações. *Estudos linguísticos*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 314-330, abr./maio 2010. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/39/v2/EL_V39N1_24.pdf>. Acesso em: 5 out. 2016.

_____; BASSO, R. M. O verbo. In: ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: palavras de classe aberta*. v.3. São Paulo: Contexto, 2014. p. 65-242.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.

JUBRAN, C. S. Tópico discursivo. In: JUBRAN, Clélia Spinardi (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. v.1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 85-126.

LAURA, F. I. Classificação dos marcadores de tema no português paulista: uma proposta sob o prisma da Abordagem Multissistêmica. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 461-476, 1. sem. 2012. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/download/14797/9614>>. Acesso em: 5 out. 2016.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1967.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. V. Referenciação. In: JUBRAN, C. S. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: a construção do texto falado*. v. 1. São Paulo: Contexto, 2015. p. 351-367.

MOURÃO, E. A hipercorreção na escrita formal: dilemas do revisor de textos. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 14, n. 26, p. 163-178, 1. sem. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4358>>. Acesso em: 5 out. 2016.

NASCENTES, A. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico*, etc. 10. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

SUÑER, M. *Syntax and semantics of Spanish presentational sentence-types*. Washington: Georgetown University Press, 1982.

Recebido em: 10/11/2016. Aceito em: 04/04/2017.